



Piracicaba em traços e cores

DPH IPPLAP



Piracicaba em traços e cores

PIRACICABA

2012

INSTITUTO DE PESQUISAS E PLANEJAMENTO DE PIRACICABA

Prefeito Municipal
Barjas Negri.

Diretor Presidente
Rafael Ciriaco de Camargo.

Departamento de Patrimônio Histórico
Marcelo Cachioni.

Organização e texto:
Marcelo Cachioni.

Ilustrações:
Andrei Bressan.
Renata Andia Amalfi.
Salvatore Aiala.

Pesquisa:
Douglas Pinheiro Graciano.
Gabriela Cardinalli Pereira.
Joana Dias de Andrade Yashimoto.
Juliana Cristina Tavares.
Sofia Puppini Rontani.

Diagramação:
Camila Menezes Borges.

Revisão:
Sabrina Rodrigues Bologna.

Capa:
Camila Menezes Borges.

Agradecimento:
Erika F. Arthuzo Perosi.
Idnilson D. Perez.

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Melysse Martim - CRB-8/8154

I64f

IPPLAP

Piracicaba em traços e cores - Piracicaba: IPPLAP, 2012.
64 p : il.

ISBN 978-85-64596-03-0

1. Artes gráficas. 2. Gravuras. I. Título

CDD 760

CDU 76

Índice para catálogo sistemático:

1 Artes Gráficas 760

2 Gravuras 760

Apresentação

Se uma imagem vale mais que mil palavras, transformada em arte fica muito mais eloquente. Piracicaba é conhecida e reconhecida por suas paisagens culturais, principalmente aquela paisagem ao redor do Rio Piracicaba, retratada desde o século XIX por muitos artistas.

Algumas paisagens pela cidade afora ficaram preservadas apenas na memória, pois desapareceram do cenário urbano com o passar do tempo. Outras permanecem vivas, mas lembradas em imagens desbotadas de um passado já distante.

Piracicaba em Traços e Cores procura recordar cenas, paisagens e lugares da cidade na forma da arte. As ilustrações foram realizadas pelos artistas Andrei Bressan e Renata Andia Amalfi, com base em fotografias antigas de ruas, praças, prédios e locais importantes para o desenvolvimento de Piracicaba em diversas técnicas de desenho e pintura, além de postais colorizados - mistura de foto e arte.

Com vários traços e muitas nuances de cores, vamos conhecer e reconhecer Piracicaba, que já foi cantada em verso e prosa.

DPH IPPLAP

Casa do Povoador

De residência familiar e entreposto de sal a asilo de órfãos, a 'Casa do Povoador' foi construída entre o final do século XVIII e início do XIX, de acordo com técnica construtiva baseada na tradição paulista bandeirista. O local passou por diversos proprietários e funções. Não existem registros que comprovem a data exata de sua construção, nem a propriedade do Capitão Antonio Corrêa Barbosa, visto que o mesmo morava na margem esquerda do Rio Piracicaba, onde fundou a Povoação de Piracicaba. Em 1967, nas comemorações dos 200 anos de Piracicaba, a 'Casa do Povoador' passou a ser reconhecida como símbolo da cidade.

Desenho: Andrei Bressan. Técnica: Desenho e Pintura digital.



“A primeira notícia concreta que se tem da casa data de 1850. Na história documentada de Piracicaba, não há qualquer referência de que tenha sido edificada pelo, ou para, o Capitão Povoador Antônio Corrêa Barbosa. A Casa do Povoador é um mito que se perpetuou pelo ouvi dizer” (Hugo Pedro Carradore. Rua do Porto ou da Praia - A Grande Batalha, 2003).

Rua do Porto

Piracicaba, como muitas outras cidades, nasceu, cresceu e se desenvolveu à beira do Rio, fonte de alimento, abastecimento e circulação de produtos e de pessoas. As olarias, os pequenos comércios e a população simples, de pescadores e oleiros, imigrantes e negros libertos, possibilitaram a formação de uma cultura repleta de tradições oriundas de diversas raças, resultando numa formação cultural rica em ritos, folclores, crenças e tradições.

Na Rua do Porto, no início do século XX, havia algumas olarias em funcionamento, como a Olaria Pecorari, a olaria de Elias Cecílio, entre outras, que ficavam nas imediações da Rua do Porto. Juntamente com a agricultura, as olarias tiveram importante papel econômico em Piracicaba.

Desenho: Renata Andia Amalfi. Técnica: Nanquim.



"A Rua do Porto, pela posição que já ocupou na vida desta cidade, merece algumas linhas especiais sobre seu passado. Pode-se dizer que é a única rua torta de todo Piracicaba, isto mesmo porque, acompanha o rio na sua bela curvatura"
(Manoel de Arruda Camargo. A Rua do Porto, 1900).

Salto de Piracicaba

O rio Piracicaba é um atrativo natural que atravessa a cidade. Na época das chuvas oferece uma condição favorável para a reprodução dos peixes promovendo a Piracema, período de desova dos peixes entre os meses de outubro e fevereiro.

O Salto do rio Piracicaba, caracterizado aos olhos do observador como um 'Véu da Noiva', está envolvido com a própria história da fundação da cidade. É inspiração para os artistas que o retratam e para escritores que criam contos, lendas e histórias.

Ilustração: Cartão postal colorizado.



“Toda a paisagem nas proximidades é muito bela, especialmente próxima do rio. O salto do rio é lindo. Um pouco acima da cidade começa a correnteza quando ela se aproxima das rochas, as águas correm mais rapidamente e então se precipitam e rugem furiosamente, quebrando-se em espumas a medida que vai encontrando seu caminho sobre as rochas e entre elas. Há uma ilha bem no meio do rio, um belo local para se apreciar a natureza” (Martha Watts. Evangelizar e civilizar. Cartas de Martha Watts, 1881-1908, 2001).

Indústrias

O pioneirismo industrial de Piracicaba se destacou nas áreas agroindustrial, tecelã, metalúrgica e de abastecimento já no final do século XIX. Instaladas nas proximidades do Rio Piracicaba, para utilização da força motriz das águas, as instalações industriais criaram uma nova paisagem cultural para a cidade.

A Fábrica de Tecidos Santa Francisca, fundada por Luiz de Queiroz, originou a instalação do sistema de abastecimento de energia elétrica e de telefonia, que com a empresa hidráulica, estabeleceram o desenvolvimento urbano da cidade, marcado pela economia agroindustrial, com produção de açúcar e álcool.

O Engenho Central e a Usina Monte Alegre se sobressaíram no cenário nacional pelo volume de produção em meados do século XX tendo sido considerados entre os maiores produtores do Brasil.

Desenho: Renata Andia Amalfi. Técnica: Óleo sobre papel tela.



"Terras boas, clima adequado, gente trabalhadora sacudida tanto na lavoura como nas fabricas, mais as condições favoráveis de um mercado promissor, abriram excelentes oportunidades para a agricultura, a indústria e o comércio na região. E Piracicaba se desenvolveu a passos largos, econômica e culturalmente, vindo a ser considerada um município rico e culto, e obviamente, um dos maiores produtores de açúcar no mundo"

(Pedro Caldari. Piracicaba Industrial, 1997).

Largo do Gavião

O largo era muito apreciado e admirado por muitos poetas e artistas como Joaquim Miguel Dutra e também visitantes do local. Devido a sua declividade e situação topográfica, era possível uma vista privilegiada de um dos trechos mais bonitos da cidade: a margem do Rio Piracicaba.

Apesar do potencial paisagístico, a Câmara transferiu a cadeia para o local. Após ajardinamento em seu entorno, ficou conhecido como 'jardim da cadeia'.

Na década de 1960 a atual Praça Almeida Junior recebeu a Pinacoteca Municipal 'Miguel Arcanjo Benício d'Assumpção Dutra'. A construção dessa obra fez parte de um projeto político-cultural que atendeu aos anseios de uma cidade que sempre teve destaque no circuito de artes paulistas, tanto por suas manifestações eruditas quanto pelas populares.

Desenho: Renata Andia Amalfi. Técnica: Óleo sobre papel tela.



“Depois íamos até o Jardim da Cadeia para dali apreciarmos a paisagem do rio e da Rua do Porto, paisagem tão bem representada nas telas magistrais de Joaquim Miguel Dutra. Sentávamos ali, à sombra das figueiras, a admirar de longe o rio coalhado de canoas de gente que pescava e de barcos, canoas e sandolins do Clube de Regatas. As casinhas da Rua do Porto davam um tom de bucólica poesia à paisagem do belo rio, que desaparecia lá em baixo, em curva suave, por detrás dos morros” (Paulo Nogueira de Camargo. Fatias da Vida, 1969).

Jardim Público

O jardim público foi remodelado na década de 1880 com o plantio de mudas doadas pelos cidadãos ilustres da cidade, com a intenção de marcar a evolução econômica de Piracicaba, num processo de embelezamento de logradouros públicos.

Com a instalação do sistema pioneiro de abastecimento de água na cidade, o jardim público ganhou um repuxo em meio à área cercada por uma grade de madeira, onde se encontrava também uma torneira com uma caneca de ágata em serviço da população.

Desenho: Renata Andia Amalfi. Técnica: Lápis. Colorização digital.



“Grande espetáculo para Piracicaba foi a experiência para a Empresa Hidráulica, realizada no jardim do largo da Matriz, onde ia ser construído um chafariz. A água jorrou numa altura de 12 metros. Foi a verdadeira maravilha o fato da água do Piracicaba subir até o Largo da Matriz”
(Leandro Guerrini. História de Piracicaba em Quadrinhos, 2009).

Largo do Mercado

A construção do Mercado Municipal teve como objetivo reunir de maneira higiênica os produtos agrícolas de consumo popular para venda, de acordo com os novos conceitos de higiene que se oficializavam no final do século XIX.

A conformação original do edifício era de pequeno porte, sendo que só seria viável a venda de hortaliças. Um repuxo no centro do prédio foi instalado para manter o ambiente fresco para a conservação dos produtos. No Largo do Mercado, os sitiantes estacionavam suas carroças bem cedinho, fazendo a cidade acordar.

Desenho: Andrei Bressan. Técnica: Acrílico sobre papel tela.



"O nosso Mercado sempre se localizou onde hoje se encontra. Era porém, uma construção rústica, com toscas bancas de madeira e alguns empórios, com prateleiras de tábuas e muitas barricas para guarda de gêneros alimentícios"
(Irene Aloisi. As moças portuguesas, 1976).

Repuxo da Praça

O repuxo do Jardim Público foi doado por João Conceição para a inauguração do serviço de abastecimento de água de Piracicaba em 1887 trazendo ares europeus para o centro da cidade.

A instalação de repuxos ou chafarizes é uma prática bastante antiga, que além do objetivo de embelezar a paisagem, também cumpre a função de refrescar o ambiente envoltório nos dias mais quentes de verão.

Com as reformas sucessivas que se promoveram na Praça José Bonifácio, o repuxo de quatro metros foi retirado e desapareceu... e com ele os bons ares da Praça.

Desenho: Renata Andia Amalfi. Técnica: Óleo sobre papel tela.



*“Largo da Matriz: onde se encontra o referido templo. É o lugar central da cidade.
Fica entre as ruas Direita e Quinze de Novembro nos seus cruzamentos com a da Boa Morte”
(Manoel de Arruda Camargo. Largos, 1900).*

Teatro Santo Estevão

Data de 1852 a primeira iniciativa para a construção de um teatro em Piracicaba. Signo de desenvolvimento urbano e cultural, os teatros rivalizavam com as igrejas católicas pela atenção de frequentadores no século XIX.

O teatro Santo Estevão passou por diversas reformas e fases. Instalado no coração da vila, dava suporte para o mercado livre e depois abrigou a primeira biblioteca da cidade.

Em sua última configuração, o Santo Estevão foi palco de realizações teatrais e musicais importantes, até que, como todos os teatros da região, foi substituído pelo rádio e a televisão no gosto popular. Em vista da falta de interesse, desapareceu da paisagem urbana de Piracicaba.

Desenho: Andrei Bressan. Técnica: Aguada de nanquim. Colorização digital em sépia.



A. L. P. *"Ali, na parte nova do jardim central, estava o Teatro Santo Estevão, estilo colonial, belíssimo logo atrás o ponto de carros, pretos, luzidios, belos puxados por uma parelha de cavalos sempre bem tratados, a escavarem o solo sob a sombra de belíssimas árvores seculares"* (Dr. L. G. Campos Toledo. Piracicaba de 1907 a 1910, 1964).

Rua Boa Morte

Desde o princípio da ocupação do centro de Piracicaba, a Rua Boa Morte detém destaque, tendo sido uma das vias mais bem retratadas no decorrer do tempo. Próximo à Praça da Matriz foram edificadas as principais residências e primeiros sobrados dos moradores, que foram sendo substituídas gradualmente por casas comerciais.

No lado oposto ao Teatro Santo Estevão, um quarteirão tradicional ocupado por hotéis, lojas e a antiga sede do Jornal de Piracicaba desapareceu para ceder lugar ao Edifício Luiz de Queiroz da Comurba, que desabou na década de 1960 antes de sua conclusão, retardando a verticalização do centro de Piracicaba.

Desenho: Andrei Bressan. Técnica: Aguada de nanquim. Colorização digital em sépia.



A. L. F.

"Atrás do Teatro Santo Estevão, na praça José Bonifácio, havia um ponto para os coches e também um bebedouro para os cavalos" (Elias Netto. Memorial de Piracicaba, 2002).

Rua Boa Morte

A Rua Boa Morte, anteriormente conhecida como Rua da Matriz ou Rua do Pátio, tem a atual nomenclatura em homenagem a Igreja de Nossa Senhora da Boa Morte, cuja primeira versão foi edificada por Miguelzinho Dutra no século XIX. É uma das ruas mais antigas de Piracicaba, arruada pelo Alferes José Caetano com orientação do Senador Vergueiro, constando no mapa de 1823.

Tem início na Rua Prudente de Moraes e termina na Praça Antonio Prado, em frente à Estação da Cia. Paulista. Na Rua Boa Morte encontram-se duas das mais antigas e importantes instituições de ensino da cidade: o Colégio Piracicabano, que viria a mudar o perfil da Rua, e o Colégio Dom Bosco - Assunção, cuja igreja anexa ainda domina a paisagem. Atualmente o comércio dinâmico e variado caracteriza a Rua.

Desenho: Andrei Bressan. Técnica: Nanquim.



"... O plano de arruamento, que lhe valeu a justa fama, de que goza, de ser uma das cidades mais bem delineadas do Brasil, foi traçado por Nicolau Pereira de Campos Vergueiro e a sua execução deve-se ao patriotismo e inteligência do alferes José Caetano Rosa..." (Mario Neme. Piracicaba: Documentário, 1936).

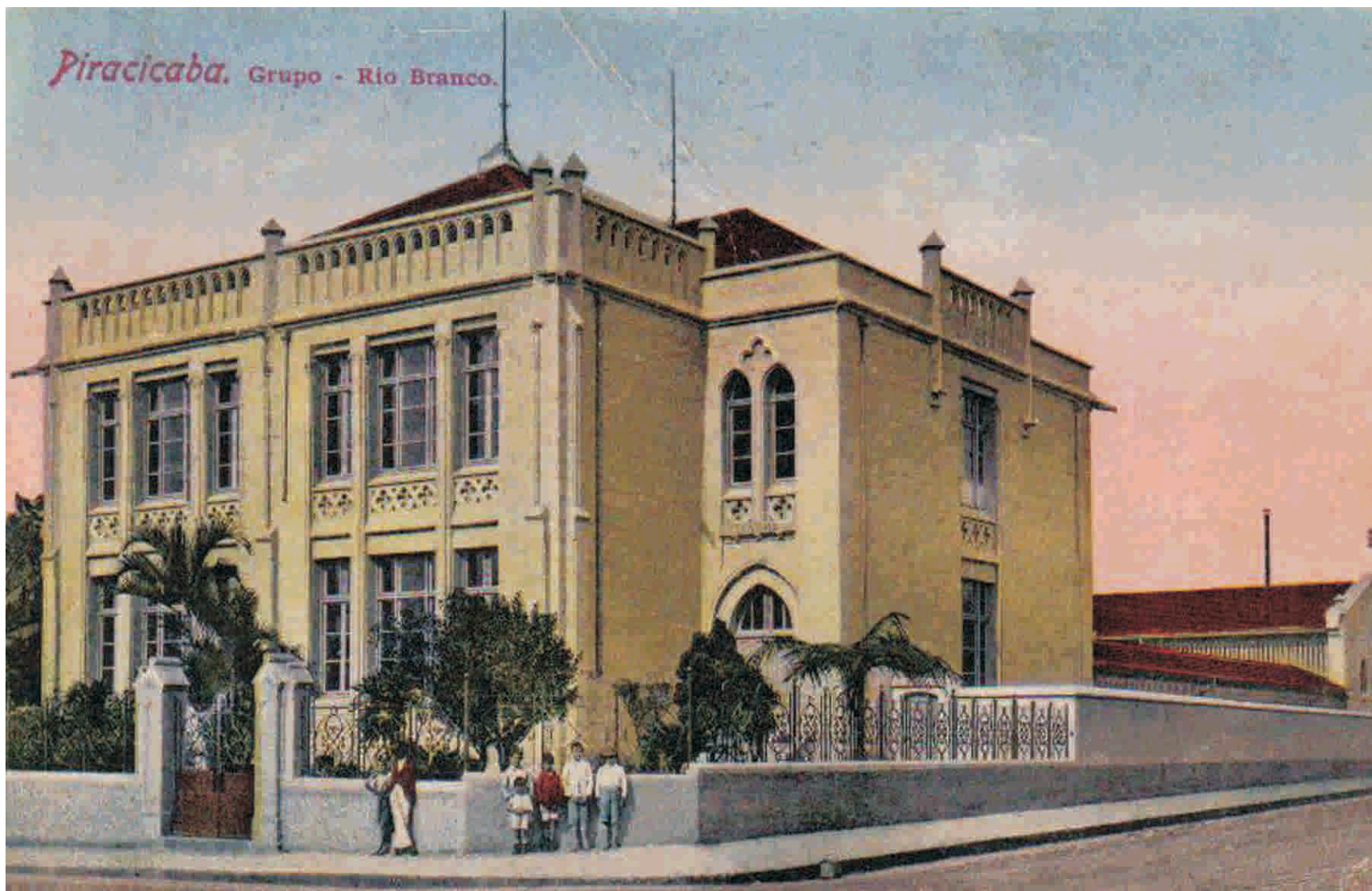
Escola Barão do Rio Branco

O edifício do antigo Grupo Escolar de Piracicaba foi o primeiro construído pelo poder público para sediar uma escola em Piracicaba em 1895. Até então, as escolas públicas eram adaptadas em residências.

O projeto pedagógico republicano se baseava no quadro a ser atendido: voto-educação e segurança-saúde. Assim, as mais promissoras cidades paulistas receberam incremento na instrução pública, na forma de grupos escolares, escolas complementares e escolas normais.

Posteriormente denominada em homenagem ao Barão do Rio Branco, a escola passou por diversas reformas que modificaram drasticamente seu aspecto original.

Ilustração: Cartão postal colorizado.



"Grupo Escolar de Piracicaba, que veio a chamar-se mais tarde Grupo Escolar "Rio Branco", foi fundado no dia 13 de maio de 1897. É um prédio de aparência extremamente elegante e que observa, no seu interior, todos os preceitos da pedagogia moderna"
(Mario de Sampaio Ferraz. Piracicaba e sua Escola Agrícola, 1911).

Rua Moraes Barros

Antigo Picadão do Mato Grosso, caminho que ligava Itu à fronteira com os territórios colonizados pela Espanha, é a primeira via de Piracicaba.

Caminho entre a margem do rio Piracicaba com o primeiro rossio da Vila Nova de Constituição, a antiga Rua Direita foi sendo ocupada pelo casario até o Bairro Alto, onde termina na Praça da Saudade.

Subir a Moraes Barros com os pés para cima significava o caminho até o Cemitério da Saudade, o último endereço da tradicional população Piracicabana.

Desenho: Andrei Bressan. Técnica: Nanquim.



"... Esta rua merece o nome que tem, pois que é direita de veras. Era dantes o caminho do porto fluvial à estação férrea, ocupando cada um destes uma extremidade da rua. Com a mudança da navegação para João Alfredo decaiu muito, porém conserva a supremacia sobre as suas paralelas" (Manoel de A. Camargo. As ruas de Piracicaba, 1900).

Parque Barão de Rezende

No final do século XIX os passeios públicos eram elementos relacionados às boas condições de saneamento das cidades. O Barão de Rezende destacou parte de suas terras à Beira Rio para destinar ao uso público, como um parque onde as famílias pudessem passear e descansar à sombra das árvores, assim como era costume em cidades europeias.

O Parque foi dotado de coreto, quiosques e bancos em que as mães podiam se sentar e conversar enquanto as crianças brincavam.

A área do parque foi totalmente destinada a novos usos no século XIX com a construção de um hotel e de uma escola infantil, onde atualmente se encontra a atual Biblioteca Municipal.

Desenho: Renata Andia Amalfi. Técnica: Óleo sobre papel tela.



“O formoso parque da praça Barão de Rezende é um dos pontos mais próprios para passeio. Parece não haver nada mais encantador do que, a tarde, sentar-se a gente ali à sombra de uma árvore, a ouvir a cantinela do rio que perto desliza ou a entreter-se em alegre palestra”

(Hélio Fernandes. Cinema, 1910).

Mirante

A primeira informação sobre a existência do Mirante foi registrada no Diário da Princesa Isabel em 1884, no qual se refere a uma visita ao quiosque no Salto, passeio que gostou muito. Tal quiosque, o antigo mirante do Salto, o Barão de Rezende mandou construir em suas terras para usufruto de sua família, o qual foi remodelado com mais um pavimento, entre 1906 e 1907, por Carlos Zanotta.

O Barão desmembrou a área do Parque do Mirante de suas terras na Vila Rezende após o loteamento do Bairro Vila Rezende e a venda do Engenho Central. Ele doou à Prefeitura para que se tornasse de uso da população para lazer.

O acesso ao Mirante se dava através da Avenida dos Bambus (atual Maurice Allain) e havia uma entrada ao meio de toda a sua extensão, que ia da Ponte à entrada do Engenho Central.

Ilustração: Cartão postal colorizado.



“O Salto é um dos mais belos recantos da 'Noiva da Colina'. Ponto obrigatório de visita para aqueles que vem conhecer a cidade. O rumorejar das águas dispensando sobre as pedras, o bucolismo da paisagem, tudo enfim contribui para fazer do 'Mirante' e do Salto locais de recreação e turismo” (PMP. Piracicaba: o município de Maior Progresso no Brasil, 1959).

Escola Moraes Barros

Na Praça Tibiriçá ficava localizado o Cemitério Municipal em pleno centro da Cidade. Com as novas leis sanitárias, os campos santos deveriam ser levados para fora do perímetro urbano. Assim, o quarteirão foi disponibilizado para outros usos.

Na década de 1870 foi construída no local a segunda sede da Câmara Municipal, que permaneceu ali por apenas 30 anos. Após a instituição do regime republicano, as escolas públicas se tornaram prioritárias para o governo. Assim, a Câmara cedeu lugar para o segundo Grupo Escolar de Piracicaba, que homenageia o Senador Manoel de Moraes Barros.

Desenho: Andrei Bressan. Técnica: Acrílico sobre papel tela.



“O Grupo Escolar “Moraes Barros”, funciona em dois períodos, com vinte classes, em prédio estadual, com 40 salas amplas e bem arejadas. Está magnificamente situado na parte central da cidade, numa praça ajardinada. Possui outras dependências”
(João Teixeira de Lara. Relatório do ano, 1940).

Esalq

A ideia de um visionário que pretendia melhorar as condições da agricultura local e também a matéria-prima para a produção de tecidos criou a Escola Agrícola, nomeada em homenagem ao seu criador, que morreu antes de concretizar seu ideal.

Inicialmente uma escola técnica, a Luiz de Queiroz foi modelada para o ensino das práticas agropecuárias de acordo com o ensino praticado na Europa e Estados Unidos.

A São João da Montanha foi totalmente adaptada como fazenda modelo para receber os equipamentos necessários para o funcionamento da escola, que se tornou superior e foi incorporada à Universidade de São Paulo.

Desenho: Andrei Bressan. Técnica: Desenho e pintura digital.



“E a “Luiz de Queiroz” começou a ser olhada como grande e a sua fama se espalhar por todo o Brasil, muito antes de poder, realmente, ser considerada como tal. Era isso, isso sim, uma escola pequena e pobre, que nada podia fazer pela falta completa de recursos. Mas era uma escola feliz. Vieram depois os tempos áureos. Aqueles anos em que a Escola, com professores já formados por ela, adquire foros de escola superior de estudos agronômicos” (Salvador de Toledo Piza Jr. Exaltação dos feitos de Luiz Vicente de Souza Queiroz, 1976).

Colégio Piracicabano

Em 13 de Setembro de 1881, a missionária metodista americana Martha Hite Watts abriu as portas de: 'O Colégio Piracicabano', com a matrícula de apenas uma aluna, pois o ano letivo já havia começado no início do ano. Três professores se dedicaram a esta única aluna, até que no ano seguinte várias famílias matricularam seus filhos. O colégio foi instalado provisoriamente numa casa na Rua Prudente de Moraes, próxima ao Teatro Santo Estevão. Incentivados pelos irmãos políticos Manoel e Prudente de Moraes Barros, republicanos e maçons, os missionários fundaram um colégio particular que não educava com os preceitos monarquistas ou católicos.

Primeiro edifício da cidade construído para abrigar uma escola, o Principal mudou a paisagem da Rua Boa Morte. Quando as casas eram caiadas e térreas no alinhamento da calçada, o sobrado recuado de alvenaria aparente se destacava. No ano de 1882 foi adquirido o lote de terrenos em área localizada na Rua Boa Morte, entre as Ruas Rangel Pestana e Dom Pedro II. As obras de construção do edifício, que oferecia inicialmente capacidade de hospedagem para 30 alunas internas, foram iniciadas em 28/01/1883 e inauguradas em janeiro de 1884.

Desenho: Renata Andia Amalfi. Técnica: Lápis. Colorização digital.



“Os primeiros anos do Colégio mostraram, de maneira inequívoca, que ele trazia pioneirismo em sua forma de ensinar e que iria conquistar, pouco a pouco, a própria comunidade piracicabana, apesar dos olhares suspeitos, por se tratar de uma iniciativa não-católica”
(Beatriz Vicentini Elias. Vieram e Ensinaaram Colégio Piracicabano - 120 anos, 2001).

Rua Prudente de Moraes

A Rua Prudente de Moraes, antiga Rua dos Pescadores, teve a mudança de nomenclatura em homenagem ao primeiro Presidente Civil da República, após seu falecimento em 1902. Tem início na Rua do Porto. Anteriormente com predominância residencial, no decorrer do tempo passou a apresentar vocação comercial, tendo sido ocupada, especialmente próximo à Praça José Bonifácio, por tradicionais casas comerciais e bancárias, tais como a Antiga Caixa Econômica Estadual - atual Banco do Brasil, a antiga casa comercial de Terenzio Galesi e outras lojas já encerradas, como a Casa Triângulo e a Padaria Vosso Pão.

O Teatro Santo Estevão, demolido na década de 1950, dava fundos para esta Rua, onde atualmente se encontra o trecho final da Praça José Bonifácio. Próximo a este local, até a década de 1970, localizava-se o antigo marco da bandeira, palco de eventos cívicos. Um dos principais patrimônios históricos artísticos e religiosos de Piracicaba encontra-se também nesta via: o Passo do Senhor do Horto, obra de Miguelzinho Dutra, aberto para visitação às sextas-feiras e durante a Semana Santa. Também fica localizada na esquina com a Rua Governador Pedro de Toledo, a sede central do tradicional Clube Cristóvão Colombo, instalada em um dos primeiros edifícios modernistas de Piracicaba.

Desenho: Andrei Bressan. Técnica: Nanquim.



"...Antiga dos Pescadores. Começa no largo do Cemitério, passa sobre uma boa ponte no Itapeva, atravessa a estrada de ferro, passa pelo largo do Teatro, pelo Rosário e vai morrer num terreno pedregoso, de forma triangular, que fica, em frente ao jardim do Queiroz a cavaleiro no trecho compreendido entre as ruas do Comércio e do Rosário" (Manoel de A. Camargo. As Ruas de Piracicaba, 1900).

Matadouro

Os matadouros eram equipamentos públicos importantes entre o final do século XIX e início do XX por representarem a preocupação do Poder Público com relação à saúde da população.

Abates clandestinos se espalhavam pela cidade, oferecendo carne em condições precárias de higiene e colocando em risco a saúde pública, fazendo com que se editassem leis que proibiam a prática.

O antigo Matadouro de Piracicaba foi construído seguindo os mais avançados conceitos de higiene da época de sua edificação, no início do século XX e recebeu cuidados arquitetônicos estéticos, também ao gosto daquele período.

Ilustração: Cartão postal colorizado.



"Já se ergue a alguns quilômetros do centro populoso, à margem do Guamium, o matadouro modelo, para o abastecimento de carnes verdes à população e ao município" (Roberto Capri. Piracicaba, São Paulo, Brasil, 1914).

Escola Sud Mennucci

A inauguração da sede nova da Escola Normal de Piracicaba ocorreu em 11 de agosto de 1917, quando a escola deixou o antigo prédio, em que se instalara a Escola Complementar na Rua do Rosário. Já contava vinte anos, havendo diplomado dezesseis turmas de professores primários e era tradicional pela qualidade do ensino e dos ex-alunos, sendo um das escolas pioneiras do Estado na formação de professores.

O novo edifício da Escola Normal dominava a paisagem do Bairro Alto com seu porte monumental, cercado por um amplo jardim e instalações modernas para o bom funcionamento da escola.

Desenho: Renata Andia Amalfi. Técnica: Nanquim. Colorização digital.



“Em Piracicaba, (...) todo mundo conhecia todo mundo e a gente, fechando os olhos, podia 'ver' cada casa de cada rua e seus habitantes. Cidade interiorana bonita, diferente das demais: possuía uma Escola Agrícola de muitas glórias; sediava uma das sete Escolas Normais do Estado (...). As professoras diplomadas e as estudantes, futuras professorinhas - havia sempre uma, ou diversas, em cada família, eram estimadas por todos” (Ercília Guerrini Ferraz. Estória singela que trago no coração, 1986).

Igreja de N. S. da Boa Morte e Assunção

A primeira Igreja em homenagem a N. S. da Boa Morte foi construída por Miguel Dutra, que a ornamentou com retábulos e altares barrocos, em meados do século XIX.

Na década de 1880, as irmãs de São José de Chambéry decidiram instalar um Colégio para instrução feminina ao lado da Igreja da Irmandade da Boa Morte, que dava nome à rua. Após um incêndio que danificou o prédio da escola, as freiras resolveram construir uma nova igreja, em maiores proporções, com uma cúpula que se destaca da paisagem do Centro de Piracicaba, configurando uma das mais belas edificações religiosas de Piracicaba.

Desenho: Renata Andia Amalfi. Técnica: Nanquim.



*"... Esta rua tem seu nome da igreja que sob aquela invocação aqui construiu o legendário Miguelzinho.
É a rua das famílias por excelência. Nela acham-se situados o Colégio Piracicabano, Igreja Metodista, Asilo do Sagrado Coração,
Museu Ornitológico, etc. No seu cruzamento com diversas ruas - o Colégio Assunção,
a bela Igreja do Coração de Maria, a Matriz, o Jardim Público, etc" (Manoel de A. Camargo. As Ruas de Piracicaba, 1900).*

Quarta Matriz de Santo Antonio

No início do século XX as cidades mais progressistas procuravam apagar o passado colonial, edificando novos edifícios ao gosto europeu vigente. Assim, muitas igrejas coloniais e barrocas ganharam novas fachadas, com linhas clássicas ou medievais.

A matriz de Santo Antonio teve sua fachada reformada com aplique de elementos classicistas, mas manteve os entalhes de Miguel Dutra por um tempo, até que também foram substituídos.

Foi a primeira Catedral de Piracicaba por pouco tempo, até que um incêndio na década de 1940 provocou seu desaparecimento e a edificação da atual Catedral de Santo Antonio.

Desenho: Andrei Bressan. Técnica: Aguada de nanquim. Colorização digital em sépia.



*"O jardim público, sem aquelas paineiras Imperiais, sem o Santo Estevão,
nunca conseguiu arrumar-se, nunca conseguiu ser acconchegante, embora dobrasse em tamanho, ocupando o espaço,
desde a Prudente de Moraes até a Moraes Barros"* (Acary de Oliveira Mendes. Praça José Bonifácio, 1976).

Rua Santo Antonio

A Rua Santo Antonio é uma das vias mais antigas do Centro da Cidade, paralela à Rua Governador Pedro de Toledo, antiga Rua do Comércio.

É também um das ruas de menor extensão territorial no bairro, em que as primeiras casas comerciais e hotéis se instalaram ao redor do jardim público, onde se encontravam os principais equipamentos públicos da cidade no século XIX: a Matriz de Santo Antonio, que dá nome à rua, a antiga Câmara e o Teatro.

Desenho: Renata Andia Amalfi. Técnica: Nanquim.



"Bons tempos o de nossa meninice, os de nossa mocidade, da Piracicaba de fundo ruralista, sem os problemas da urbanização, como o Jardim Público e o Teatro Santo Estevão com atrações, ambos sacrificados por exigências da cidade em transformação" (Acary de Oliveira Mendes. A propósito da piracicabana Lyson Gaster, 1978).

Clube Coronel Barbosa e Teatro São José

Os equipamentos de lazer para a população tinham significado de desenvolvimento social para as cidades no final do século XIX e início do XX.

Teatros, cinematógrafos, ringues de patinação, circos de cavalinhos, além de parques para passeio e piqueniques eram procurados pela população em seus momentos de lazer e recreação.

O Clube Coronel Barbosa e o Teatro São José foram palco de festas e espetáculos que marcaram a memória da elite piracicabana e ainda se destacam no cenário urbano do centro da cidade.

Desenho: Andrei Bressan. Técnica: Acrílico sobre papel tela.



“O Coronel Barbosa gostava muito de reuniões sociais, certamente frequentava o Clube Piracicabano e teve a ideia de construir um local específico para reunir-se com os amigos. Adquiriu antigos imóveis, localizados na esquina da rua São José com a Praça José Bonifácio, providenciou a demolição deles e, com a venda de café, de sua fazenda, conseguiu recursos suficientes para ali construir o Teatro São José e o denominado Palacete Barbosa, o qual passou a ser sede do Clube Piracicabano” (Caio Tabajara Esteves de Lima. Histórico do Clube Coronel Barbosa e Teatro São José, 2001).

Rua Governador Pedro de Toledo

A Rua Governador Pedro de Toledo era originalmente designada como Rua do Comércio, nome que foi substituído pela homenagem ao ex-governador da Paraíba, João Pessoa, assassinado no cargo. Após a Revolução de 1932 a cidade decidiu homenagear o Governador de São Paulo, Pedro de Toledo, substituindo a nomenclatura da via mais importante da cidade na época.

Com forte vocação para o comércio desde o século XIX a 'Governador' é uma das ruas mais antigas de Piracicaba, tendo sido aberta com base no plano enviado pela Câmara de Porto Feliz em 1808 e executado pelo Alferes José Caetano, sob orientação do Senador Vergueiro. Consta no mapa de 1823, conjuntamente com as ruas Boa Morte, Santo Antonio, Rangel Pestana, Moraes Barros, XV de Novembro e São José, entre outras.

Os primeiros estabelecimentos comerciais instalados, entre residências, eram basicamente armazéns de secos e molhados, lojas de tecidos, armarinhos, roupas, chapéus, tabacarias, selarias e estúdios fotográficos.

Um dos principais focos atrativos da Rua Governador Pedro de Toledo é o Mercado Municipal, desde 1887. Também encontram-se nesta via outros importantes edifícios de valor histórico, cultural e turístico como: a E.E. 'Barão do Rio Branco', a Catedral Metodista, a Sociedade Sírio Libanesa e também as principais lojas de departamento e eletrodomésticos, sapatarias, farmácias e lojas de roupas do centro de Piracicaba, reforçando e mantendo desta forma, seu caráter comercial original.

Desenho: Andrei Bressan. Técnica: Aguada de nanquim. Colorização digital em sépia.



Ar. Lit.

"...É verdadeiro o seu nome atendendo-se à sua importância comercial, muito bem conservada e, por não ter sarjetas como as outras, oferece-se como um excelente velódromo ao ciclismo" (Manoel de A. Camargo. As Ruas de Piracicaba, 1900).

Hotel Central

O Hotel Central foi inaugurado no século XIX em um sobrado na Rua 13 de Maio e depois se mudou para o casarão colonial que pertenceu ao Senador Vergueiro, na esquina da matriz de Santo Antonio.

Na década de 1920 passou por uma ampla reforma que o reconstruiu, tornando-o um dos melhores hotéis da cidade.

Recebia os hóspedes mais ilustres em seus quartos confortáveis e refeitório considerado suntuoso por memorialistas.

Apesar de sua injusta demolição ocorrida no princípio da década de 1980, ainda permanece na memória piracicabana como uma das mais lamentadas perdas do patrimônio cultural de Piracicaba, ao lado do Teatro Santo Estevão.

Ilustração: Cartão postal colorizado.



"Era nesse jardim saudoso que papai e eu descansávamos após um apetitoso almoço, no proveito Hotel Central. Depois, íamos de bonde visitar a Escola Agrícola" (Paulo Nogueira de Camargo. O rio, o Salto..., 1969).

Estação da Cia. Paulista

A instalação da Cia. Paulista em Piracicaba foi iniciada em 1902 e durou 20 anos para a sua consolidação, devido a paralisações das obras ocorridas na Primeira Guerra Mundial. Somente em 1922 chegava o primeiro trem da Cia. Paulista na cidade. O Ramal saía da Estação da Luz em São Paulo e passava por Jundiaí, Campinas, Nova Odessa, Recanto (Sumaré), Santa Bárbara, Caiubi, Tupi, Taquaral até o Centro de Piracicaba.

Signo de desenvolvimento urbano e industrial, as companhias ferroviárias contribuíram para o desenvolvimento de muitas cidades paulistas entre o final do século XIX e início do XX. As cidades que não faziam parte da rota corriam o risco de permanecerem estagnadas. Assim Piracicaba, que se configurava no ramal final da linha férrea da Cia. Paulista, teve que lutar pelo benefício do meio de transporte de passageiros e cargas.

Desenho: Renata Andia Amalfi. Técnica: Lápis. Colorização digital em sépia.



"Da Companhia Paulista da Estrada de Ferro, partiam dois trens de Piracicaba e São Paulo e vice-versa. Tive a oportunidade na época de fazer esse percurso, por muitas vezes. Muitas eram as paradas. Tupi, Caiubi, Santa Bárbara D' Oeste e baldeação em Nova Odessa para São Paulo. Os armazéns da Companhia Paulista, na época estavam sempre com grande quantidade de mercadorias, uma vez que o comércio e a indústria de Piracicaba, optavam por esse transporte, para recebimento e remessa"
(João Cláudio Angeli. A cidade de Piracicaba que eu tive privilégio de conhecer, 1985).

Igreja Metodista

A Igreja Metodista fundou seus trabalhos de evangelização em Piracicaba no dia 11 de setembro de 1881, numa casa alugada na esquina da Rua do Rosário com a Rua São José, pelo Rev. James William Koger.

Quatro anos depois, os Metodistas inauguraram a Capela Trinity, na esquina da Rua Rangel Pestana com a Rua Boa Morte. O Templo da Catedral Metodista teve o início de sua construção com o lançamento da pedra fundamental em 7 de setembro de 1922 e a inauguração em 7 de setembro de 1928.

Primeira denominação religiosa evangélica estabelecida em Piracicaba, por meio de missionários americanos, a Igreja Metodista abriu espaço para todas as outras que vieram à cidade em seguida dispostas a evangelizar o povo piracicabano.

Desenho: Andrei Bressan. Técnica: Aguada de nanquim. Colorização digital em sépia.



"Fundada em 1881, a Igreja Metodista de Piracicaba foi a terceira a ser instalada no Brasil. (...) Finalmente, em 1922, o principal templo da Igreja Metodista foi construído na rua Governador Pedro de Toledo, esquina do Largo do Mercado Municipal" (Cecílio Elias Netto. Memorial de Piracicaba - Século XX, 2000).

Rua Alferes José Caetano

A Rua Alferes José Caetano, originalmente conhecida como Rua da Constituição, Rua do Pau Queimado ou Rua da Boa Vista recebeu sua atual nomenclatura em homenagem ao arruador de Piracicaba, Alferes José Caetano Rosas. É uma das ruas mais antigas de Piracicaba, tendo sido aberta com base no plano enviado pela Câmara de Porto Feliz em 1808 e executado pelo Alferes, com orientação do Senador Vergueiro. Consta no mapa de 1823, conjuntamente com as Ruas Boa Morte, Santo Antonio, Rangel Pestana, Moraes Barros, XV de Novembro e São José, entre outras.

A Rua tem início na Avenida Armando de Salles Oliveira e seu término se dá na antiga Estação da Cia. Paulista, reunindo em sua extensão importantes edifícios que constituem a paisagem cultural de Piracicaba, com edificações residenciais remanescentes do início do século XX.

Desenho: Renata Andia Amalfi. Técnica: Aguada.



*... "antiga do Pau Queimado pela razão de nela haver com efeito, um pau queimado em parte.
Tem o seu nome atual em honra ao Alferes José Caetano Rosa, o mesmo que pelo Senador Vergueiro
foi encarregado de arruar a cidade" (Manoel de A. Camargo. As Ruas de Piracicaba, 1900).*

Referências:

- ALOISI, Irene. *As moças portuguesas*. In: *Jornal de Piracicaba*, 04/02/76, p.4.
- ANGELI, João Cláudio. A cidade de Piracicaba que eu tive privilégio de conhecer. In: *Jornal de Piracicaba*, 18/07/1985.
- CALDARI, Pedro. Piracicaba Industrial. In: *Revista IHGP*. Ano V. N° 5. Piracicaba: IHGP, 1997.
- CAMARGO, Paulo Nogueira de. Fatias da Vida: O rio, o Salto... In: *Jornal de Piracicaba*, 03/08/1969.
- CAMARGO, Manoel de A. *Almanak de Piracicaba para 1900*. São Paulo: Tipografia Hennies Irmãos, 1899.
- CAMPOS TOLEDO, Luís G. Piracicaba de 1907 a 1910. In: *Jornal de Piracicaba*, 1964.
- CAPRI, Roberto. *Piracicaba, São Paulo, Brasil*. Roma: Tip. Poliglota Mundus, 1914.
- CARRADORE, Hugo Pedro. Rua do Porto ou da Praia - A Grande Batalha. In: *Revista IHGP*. Ano X. Piracicaba: IHGP, 2003.
- ELIAS, Beatriz V. *Vieram e ensinaram. Colégio Piracicabano - 120 anos*. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2001.
- ELIAS NETTO, Cecílio. *Almanaque 2000. Memorial de Piracicaba Século XX*. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2000.
- _____. *Memorial de Piracicaba. Almanaque 2002-2003*. Fascículos 10 e 11. Piracicaba: IHGP e Tribuna Piracicabana, 2002.
- FERNANDES, Helio. Cinema. In: *Jornal de Piracicaba*, 11/12/1910.
- FERRAZ, Ercília Guerrini. Estória singela que trago no coração. In: *Jornal de Piracicaba*, 08/06/86.
- FERRAZ, Mario de Sampaio. *Piracicaba e sua Escola Agrícola*. Bruxelas: Imprimerie V. Verteneuil & L. Desmet, 1911.
- GUERRINI, Leandro. As empadas do Mercado. In: *Jornal de Piracicaba*, 09/04/1978.
- _____. *História de Piracicaba em Quadrinhos*. 2° vol. Piracicaba: IHGP, 2009.
- LARA, João Teixeira de. *Relatório do ano de 1940*. Piracicaba: Delegacia Regional do Ensino, 1940.
- LIMA, Caio Tabajara E. de. *Histórico. Clube Coronel Barbosa e Teatro São José*. Manuscrito. Piracicaba, 2001.
- MESQUITA, Zuleica (org.) *Evangelizar e civilizar. Cartas de Martha Watts, 1881-1908*. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2001.
- NEME, Mario. *Piracicaba - Documentário*. Piracicaba: João Fonseca, 1936.
- OLIVEIRA MENDES, Acary. A propósito da piracicabana Lyson Gaster. In: *Jornal de Piracicaba*, 04/04/1978.
- _____. Praça José Bonifácio. In: *Jornal de Piracicaba*, 15/02/1976, p.04.
- PMP. *Piracicaba: Município de Maior Progresso no Brasil*. Piracicaba: PMP, maio de 1959.
- TOLEDO PIZA JR., Salvador de. Exaltação dos feitos de Luiz Vicente de Souza Queiroz. In: Kiehl, Edmar José. *ESALQ 1901 - 1976. 75 anos a serviço da Pátria*. Piracicaba: Franciscana, 1976.